

CEP - Centro de Estudos Psicanalíticos

**Do palco à vida real:
O discurso de um adolescente**

Elen Fernanda Assunção Chaves

Ciclo V

5ª feira à Noite

São Paulo - SP

2014

JUSTIFICATIVA

Neste ciclo, busquei desenvolver um trabalho referente a mais um caso de alunos que atendo em sala de apoio, porém sob outro viés, desenvolvendo uma leitura acerca da escuta do discurso de um adolescente de dezesseis anos, com diagnóstico de Deficiência Intelectual e suspeita de Psicose, fazendo uma associação à técnica analítica, ponto de discussão deste ciclo.

Diante da dificuldade na elaboração deste trabalho, e sendo orientada a desistir do tema, fiquei um tanto quanto desafiada a levá-lo adiante, visto que quero ter a oportunidade de trazer para a clínica a escuta de pessoas com deficiência, pensando em uma aposta nestes sujeitos tão excluídos e às margens de nossa sociedade. Se na clínica não houver espaço para apostar naqueles em quem a sociedade muitas vezes não acredita, a Psicanálise, para mim, jamais teria o sentido que tem. Por isso o desafio de manter o tema.

DESENVOLVIMENTO

Certo dia, ele disse-me que voltaria a fazer teatro. Sim, voltaria. Porque anteriormente ele já havia se preparado para apresentar uma peça e, após muito ensaio, quando chegou o dia da apresentação, ele recusou-se a apresentar.

Samuel relata que apresentará uma peça na escola, que fala sobre a vida de “*um homem chamado Getúlio Vargas*”, e que ele será o personagem principal. Animado com seu retorno às aulas de teatro, o pai lhe compra um DVD que fala da trajetória de Getúlio.

Após passar um final de semana assistindo o filme, Samuel chega furioso ao atendimento na segunda-feira, dizendo-me que tinha uma triste notícia para falar. Quando eu pergunto o que houve, ele diz:

- *“Não vou ser mais aquele tal Getúlio Vargas. Eu assisti o filme da vida dele, e descobri que ele fumava. Isso eu acho muito feio. Fumar é feio, é coisa errada. Fumar eu não fumo! Vou falar para o professor esquecer. Eu não vou ser mais o Getúlio, não vou fumar”.*

- *“Mas será que você precisa fumar de verdade para ser o Getúlio, Samuel?”* – pergunto eu.

Após muitas respostas do tipo “é claro que sim”, faço a questão de forma diferente:

- *“Será que no teatro você vai precisar fumar de verdade, ou é uma cena somente de mentira? No teatro você vai fazer um personagem, não precisa ser o personagem de verdade. O que você acha?”*

- *“Eu acho que não precisa ser de verdade não, é de mentirinha... Então eu vou ser o Getúlio... Mas fumar eu não fumo não!!!”*

Embora Samuel pareça compreender aquilo que eu lhe digo, ainda mostra-se um tanto quanto confuso em diferenciar a realidade e a ficção, o real e o simbólico, além de apresentar uma grande dificuldade em compreender metáforas.

Isto me remete a um caso que ocorreu no início dos atendimentos deste garoto na sala de apoio, quando ele relatava um caso que viu na televisão: um menino, chamado Marcelinho, teria matado seus pais e avó.

- *“Você viu isso, professora?”*

- *“Vi sim”.*

- *“Você viu que na televisão mostrou um menino dirigindo o carro, professora? Aquele menino era eu.”*

- *“Era você? Mas como poderia ser você dirigindo o carro? Você sabe dirigir?”*

- *“Eu não sei dirigir, mas vou te falar um segredo, você não conte a ninguém, professora. Quem matou aquela família fui eu”.*

- *“Foi você, Samuel? Como poderia ser você? Conte-me como foi isso.”*

Samuel relatou com detalhes o que foi falado na mídia sobre o caso, acrescentando que tudo o que o menino fez foi a mando dele. Quando eu questiono se isso foi realmente possível, se ele conhecia esta família, ele diz:

- *“Sim, professora. Você não me viu lá? Era eu. Era tudo eu. Eu matei todo mundo. Eu sou ruim.”*

Neste conflito entre o eu e a realidade, Samuel busca um personagem que venha ao encontro de seu ideal, daquilo que chama a atenção de sua família, especialmente de seu pai. Pensando que o psicótico precisa do olhar do outro para se constituir, e tendo a clareza de que houve uma falha na constituição de Samuel enquanto sujeito, penso que nestas construções que ele faz, busca dar uma forma, um lugar para algo da subjetividade que nem ele sabe o que é, mas que busca uma expressão. Ser alguém capaz de matar uma família inteira é, para ele, uma expressão de figura notória, capaz de chamar a atenção das pessoas para si. A dimensão que a mídia criou em cima deste caso fez com que Samuel se percebesse enquanto capaz de entrar na televisão e ver-se cometendo um ato que, em sua realidade, ele jamais teria a coragem de cometer, visto o olhar que sua família investe em relação a ele (o olhar do incapaz, do deficiente). Mas este ato, de certa forma, anunciaria à sua família o fato de ele estar ali.

Neste sentido, Samuel busca sair de cena (do seu próprio eu) e começa a projetar para fora dele aquilo que parece ser da ordem de seu desejo: tornar-se alguém que chama a atenção de sua família me parece um desejo possível nesta escuta. Constrói uma outra realidade para aquilo que o invade de fora para dentro (a família, a escola, o contexto social). Nesta nova realidade, estes contextos não aparecem.

Situações parecidas com esta aparecem por diversas vezes, quando Samuel chega à escola e, ao referir-me ao seu nome, ele diz:

- *“Hoje não é o Samuel que está aqui. É o Marcelo Rezende. Corta pra mim, professora!”* Ou mesmo:

- *“Hoje o Samuel não veio. Quem está aqui é o Ratinho”*. (E imita o Ratinho, apresentador de um programa do SBT).

E assim ele segue o tempo todo do atendimento imitando e repetindo trechos, falas e “bordões” destas pessoas. Com o passar do tempo, compreendi que estas são pessoas cujos programas seu pai gosta de assistir, não dando atenção a nenhuma situação do ambiente no momento em que assiste.

Nestes recortes citados acima, penso na ideia de que Samuel, segundo a minha compreensão do texto de Freud *“A perda da realidade na neurose e na psicose”* (1924) está em conflito de seu eu com mundo externo. Este conflito com o mundo externo provoca e produz, em determinados momentos (não é sempre), uma perda significativa da realidade. Samuel parece não fantasiar, mas viver aquilo que construiu, como se estivesse, a cada dia que isto acontece, criando uma nova realidade. No dia em que diz ser o Ratinho ou o Marcelo Rezende, ele cria todo um novo contexto e, de certa forma, incorpora aquilo que criou. Em relação ao caso do assassinato daquela família, relatava o medo de que a polícia o descobrisse ali na escola.

A partir disso, percebo que a angústia que Samuel traz não está muito clara para mim. Fico um tanto quanto confusa quando na escuta destas histórias que ele relata, ora tão ligadas à sua realidade, ora tão despidas do seu real. Embora o meu trabalho seja pedagógico e educacional, não há como não pensar nestas questões, uma vez que minha escuta já está atravessada pela Psicanálise.

“[...] A projeção [...] não aparece somente na paranóia, mas também em outras condições da vida psíquica, e inclusive tem uma participação regular em nossa atitude para com o mundo externo. Quando não procuramos as causas primeiras de certas sensações em nós mesmos, como fazemos com outras, mas as situamos fora, também este processo normal recebe o nome de projeção. (FREUD: 2010, p. 88-89).

Samuel parece projetar-se em personagens e pessoas que, para ele têm destaque e importância e que, de alguma forma, chamam a atenção de sua família, especialmente de seu pai. Esta talvez seria uma forma inconsciente de busca de um olhar desta família para si. Quando cria uma nova realidade, é possível fazer tudo aquilo que sua família acredita que ele não é capaz de fazer.

.....

Samuel ainda não está alfabetizado, e tende a ser questionador em relação à forma de ensino trabalhado com ele. Na escrita espontânea de uma lista de palavras solicitadas por mim, Samuel parece não compreender que uma única palavra pode referir-se a diferentes coisas, sabores e marcas. Por exemplo, quando eu lhe peço para escrever a palavra carro, Samuel questiona:

- *“Qual carro? Tem Idea, Fiesta, Fox, você tem que falar qual é a marca do carro que eu vou escrever, para eu saber como escreve”*.

Ou quando eu solicito para escrever a palavra sorvete, ele pergunta:

- *“Qual é o sabor do sorvete? Tem que falar se é de morango, chocolate ou creme”.*

Samuel parece compreender o significado da palavra, porém fica preso ao significante, quando acredita ser necessário saber a marca ou o sabor para determinar quais letras deve utilizar para escrever cada palavra, como se o sorvete de morango e o sorvete de chocolate ou creme tivessem formas diferentes para a escrita da palavra sorvete. Isto tem um sentido muito importante para ele.

...

Um dia destes, Samuel chegou ao atendimento reclamando que seus colegas de sala estavam colocando apelidos nele na hora do recreio. Questionei sobre os apelidos, e ele falou que estavam chamando-o de *“Tonho da Lua, de louco”*. A partir daí, chorou muito, dizendo que é difícil ser uma pessoa *“assim”*. Neste momento, olhei para ele e perguntei:

- *“Assim como, Samuel? Explica melhor isso”.*

- *“Assim como você já sabe que eu sou. Só você sabe que eu sou assim, só você entende o meu jeito. Mas é difícil ser assim”.*

Esta foi a primeira vez que Samuel falou de si mesmo sem colocar-se um personagem. É a primeira vez que fala, ainda que indiretamente, de sua deficiência e de seu incômodo em relação a ela. Sendo assim, é a primeira vez que se percebe enquanto sujeito em seus relatos.

Quando ele diz *“assim”*, eu não pronuncio a palavra deficiência, mas questiono Samuel com um *“Assim como?”*, para saber como ele se vê, e ele substitui a palavra deficiência por *“louco”*, agregando o rótulo que lhe foi posto pelos colegas da escola.

Parece que a palavra deficiência nunca foi enunciada de forma clara no contexto onde Samuel vive. Mas ela aparece nas entrelinhas, através de seu isolamento dentro da casa onde mora, na descrença dos pais em relação às suas potencialidades. Quando Samuel nomeia seu sofrimento a partir da compreensão de sua deficiência, abre espaço para que eu também compreenda o seu enunciado e, de certa forma, a sua angústia. Quando ele fala *“Eu sofro por ser assim lá na minha escola, na minha casa...”* e *“Só você sabe como eu sou”*, ele denuncia a falta de aposta que tanto a escola como a família negligenciam em relação a ele. No momento em que a palavra deficiência (ainda que entendida por Samuel como loucura) pode ser dita por ele e não silenciada, ela dá espaço para o deslocamento, e ele começa a falar daquilo que o angustia, que é a forma como as pessoas o vêem.

...

Em conversa com o pai, este relata que Samuel, em casa, fica o tempo todo em seu quarto, com a porta sempre fechada, assistindo televisão. É no quarto que ele faz as refeições, diferentemente de seus irmãos, que sentam-se à mesa junto dos pais. A mãe o abandonou quando Samuel ainda era bem pequeno. Samuel sente mágoas desta mãe, e nomeia sua madrasta também como mãe; e a palavra mãe, quando pronuncia, fala das duas pessoas, sendo necessário fazer uma intervenção para que eu compreenda quando ele fala da mãe biológica e quando ele fala da mãe que cuida. Estas se diferenciam pelo nome (assim como o sorvete de morango e o sorvete de chocolate, a palavra mãe refere-se a dois significantes da palavra mãe, para Samuel).

Orientei a família sobre as intervenções que devem ser feitas em relação aquilo que Samuel assiste, e da importância de sua participação nos momentos em que a família está reunida, pois ele também faz parte desta família.

Embora traga textos referentes à psicose, penso ainda se estes enunciados de Samuel se referem à sua vontade de ser alguém importante ou interessante para sua família, do quanto sente-se inferior em relação aos seus irmãos quando relata que eles vão ganhar um tablet, mas ele não, pois seus pais falaram que ele vai quebrar, não vai saber mexer.

Construir uma nova realidade não é algo simples para Samuel. Ele busca figuras que admira, que têm certo destaque na mídia. Quando ele escuta os xingamentos que o apontam como deficiente, ele chora, porque não é esta a realidade que escolhe para si. Isso dói muito para ele, e é algo que ele não conta para o pai, somente para mim, pois para ele, somente eu sei como ele é. Somente eu sei de sua deficiência. Isto fica claro na frase *“Somente você sabe como eu sou!”*, como se, para ele, a família não o conhecesse, não soubesse quem é ele, não soubesse da sua essência.

Escutar Samuel tem sido uma prática um tanto quanto desafiadora, pois é preciso, muitas vezes, compreender, nas entrelinhas, aquilo que ele quer dizer e não diz. Não diz, muitas vezes, porque não consegue simbolizar o seu desejo. Samuel precisa ocupar um lugar nesta família, ter uma função.

Penso nesta escuta como uma colcha de retalhos... Deixo Samuel falar o que lhe vem à cabeça, fazendo algumas intervenções que acredito ser relevantes, e com isso vou juntando pedaços para compreender o enunciado de sua fala. O que ele quer dizer? Na colcha, os retalhos entrelaçados vão se unindo e formando algo que tem significado para Samuel. É a forma como ele lê o mundo em que vive, a partir de suas vivências, e com todas as suas limitações, que seu o próprio contexto social lhe atribui.

...

Samuel apresenta uma dificuldade em separar real e simbólico, interno e externo, mas é capaz de criar uma nova realidade, que evoca aquilo que é de

seu desejo inconsciente, que para mim é a vontade de ser alguém de destaque para sua família, seja pela via da admiração (no caso de um apresentador), seja pela via oposta (ser o garoto capaz de matar a família).

Segundo as aulas que tive até o momento, aprendi que a defesa na psicose é a recusa. Inconscientemente, Samuel parece recusar sua realidade construindo outras. Na realidade criada por ele, não há limitações (que a deficiência lhe aplica, segundo a sua família), ele pode ser um apresentador famoso, ele pode matar e aparecer na mídia.

Talvez esta defesa implique também em uma resposta ao contexto em que foi criado, pelo histórico que se tem de abandonos. Sua mãe era (e ainda é) usuária de drogas. Seu pai ficou com ele, mas não sabe responder a questões simples sobre seu filho, como, por exemplo, com qual idade falou, andou e mesmo quanto tempo Samuel tinha quando sua mãe foi embora. Isto demonstra um pai ausente, que, mesmo estando ali, parece não ter operado enquanto função paterna. Para Lacan, a psicose acontece especialmente da carência do pai; mas esta carência não se dá em relação ao pai na estrutura familiar, mas sim na carência do pai enquanto uma função. Sua madrasta assumiu a responsabilidade por tudo que se refere a Samuel, mas tem se mostrado cansada em relação a isso. O pai aparece quando acontece algo de mais sério com ele, parece sentir-se fraco em relação às demandas de seu filho, e por isso entrega a responsabilidade do mesmo para a madrasta, e agora para os avós paternos, que já são idosos.

Pensando na psicose enquanto fragmentação e uma ausência do símbolo, penso que houve uma falha na constituição de Samuel enquanto sujeito. Que lugar era ocupado pelos pais em sua infância? Que olhar estes pais tiveram para este menino? Não precisa ser necessariamente uma psicose, mas vejo a construção de

Samuel como uma resposta ao contexto em que foi criado. Construir uma outra realidade é fugir do seu real.

Muitas vezes, a fala que Samuel traz não parece ser proferida de um lugar de desejo. Oscila. Parece uma fala estanque, desligada de sua realidade.

Para Freud, este delírio (que aqui eu nomeei como construção de uma nova realidade, e não como delírio) é uma tentativa de cura. O sujeito tenta se curar criando uma nova realidade. Na psicose, tudo é da ordem da certeza, por isso Samuel incorpora a história que cria. Me parece uma psicose não desencadeada, pois não fez surto ainda, mas dá indícios que suscitam a possibilidade de se pensar neste diagnóstico.

Independentemente do diagnóstico, é importante pensar que o que Samuel traz é um pedido de socorro, em busca de um lugar que ainda não lhe deram em seu contexto familiar. Matar sua família, ainda que simbolicamente, incorporando uma história que não é sua, talvez seja uma forma de Samuel denunciar seu sofrimento em relação à forma como ele é visto por ela, a sua falta de lugar neta família. Penso que escutar Samuel já foi um grande passo para que ele pudesse crescer e se desenvolver enquanto sujeito. E penso que ainda há muito o que caminhar junto com ele em relação a isso!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FREUD, Sigmund. *A perda da realidade na neurose e na psicose (1924)* – Obras Completas vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras. 2011. Pág. 214 a 221.

FREUD, Sigmund. *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia [dementia paranoides] relatado em biografia (“O caso Schreber”, 1911)* – Obras Completas vol. 10. São Paulo: Companhia das Letras. 2010. Pág. 13 a 107.

LACAN, Jacques. *Seminário 5: as formações do inconsciente (1957-1958)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.